



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A REVISTA *MANCHETE* COMO FONTE: MEMÓRIA SOCIAL E
REPRESENTAÇÕES DO BRASIL CONTEMPORÂNEO***

Marlene de Fáveri**

Durante cinco décadas, leitores e incautos passantes por certo se apercebiam que a cada semana uma nova edição da revista *Manchete* aparecia nas bancas, livrarias e outros pontos de vendas de impressos: o logo “M” em letra amarela ao fundo vermelha circulou no Brasil durante meio século, marcando uma época. Para as pessoas mais jovens é possível que isso não seja tão evidente, porém, duas gerações acompanharam os acontecimentos no Brasil e no mundo através das páginas da *Manchete*, formando imaginários e representações de um país que mudava a passos largos. Este artigo apresenta esta fonte histórica peculiar, observando a sua apresentação através do fotojornalismo, novidade à época, e quais representações destacam-se, especialmente na década de 1970, momento de mudanças rápidas na História do Brasil contemporâneo.

* Este trabalho faz parte de um projeto intitulado “Um país impresso: revistas semanais, democracia, política e cultura no Brasil (1970-1990)”, (Edital CNPq), na linha de pesquisa Culturas Políticas e Sociabilidades, do Programa de Pós-Graduação em História: História do Tempo Presente, da UDESC. Agradeço a Milene Chagas de Souza, bolsista de Iniciação Científica neste projeto.

** Profa. do Departamento e Programa de Pós-Graduação em História – Centro de Ciências Humanas e da Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC. mfaveri@terra.com.br



Figura 1: Revista *Manchete* (detalhe capa), 25/08/1956, n. 227.

Criada por Adolpho Bloch em 1952, e em circulação até o ano 2000, a *Manchete* foi considerada a segunda maior revista brasileira da época (atrás apenas da revista *O Cruzeiro*). No seu auge, contou com uma equipe de jornalistas como Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, David Nasser, e a jornalista feminista Heloneida Studart, o que lhe dava respeitabilidade, justo enquanto o país passava pela ditadura militar e todo o aparato repressivo. Estudos apontam que a revista *Manchete* “se manteve sempre do lado daqueles que detinham as cartas do jogo político e econômico do País”, transformando-se em “cortesã do poder, adaptando-se, de forma extremamente flexível, aos interesses e cores ideológicas dos diversos governos que se sucederam a partir dos anos 50.” (PADUA, 2013:221). Essa opção por compartilhar do projeto político e econômico do regime militar a manteve em circulação na medida em que dialogava com os partidos políticos e mantinha-se parcial, dirigida às camadas médias da população. Greyce Falcão analisa a posição da revista na ditadura civil-militar, no período de vigência do AI-5 (1968 –1979), e observa que a revista foi um alicerce muito importante para a consolidação do golpe, e seus desdobramentos:

Ao examinarmos o conteúdo da *Manchete* da época, percebemos que o trabalho da revista consistiu, principalmente, na apreensão e disseminação de notícias que visavam persuadir o leitor da necessidade de instalação de um governo forte, associando-o ao desenvolvimento econômico prometido pelos militares. Além de omitir casos de tortura, perseguição, ou manifestações contrárias ao governo.

Observamos que a revista *Manchete* esquivou-se muitas vezes de comentar a situação delicada em que o país se encontrava. Além de contribuir com a construção negativa da imagem dos sujeitos que se voltavam contra o governo, buscando eliminar qualquer fala que se contrapusesse aos militares e à ordem social. (FALCÃO, 2013: 5-6)

Nas análises, a autora evidencia que a imprensa, neste caso a *Manchete*, esteve a serviço do golpe militar, e que lhe deu periodicidade e continuidade.

A revista *Manchete* circulou semanalmente durante a segunda metade do século XX, inseriu-se como meio de comunicação de massa na década de 1950, e tornou-se num impresso que faz parte da memória histórica do Brasil. Nas suas páginas passaram todos os grandes acontecimentos no período em que esteve em circulação, marcando as memórias sociais e a cultura política do país; nelas ficaram as imagens de um país que se transformava em ritmo acelerado, vivia-se num regime civil-militar, o surto de modernização se acentuava e ditava os rumos da economia, da política e dos comportamentos das pessoas, como observaram João Manoel Cardoso de Melo e Fernando Novais (1998); os meios de comunicação enunciavam as transformações, formando imaginários sociais de um país do progresso.

Como parte constitutiva dos fenômenos sociais, a *Manchete* representa um campo de análises para a compreensão histórica, quer dos mercados editoriais, quer da maneira como esta sociedade viu e se apropriou desses acontecimentos e a cultura política da época. Entende-se que “a cultura política, como a própria cultura, se inscreve no quadro das normas e dos valores que determinam a representação que uma sociedade faz de si mesma, do seu passado, do seu futuro.” (BERNSTEIN, 1998: 252-3). Todavia, são necessários cuidados ao utilizar o conceito de cultura política, dado que não é unívoca nem estática: os movimentos sociais são plurais, assim como existem diversidade de representações e de seus usos, percepções e vivências; se os impressos mantêm um importante papel na divulgação de culturas políticas, “são veículo fundamental na divulgação e disseminação dos valores de diferentes culturas políticas e são usados propositadamente com tal fim” (MOTTA, 2009: 24). Por esta via, a *Manchete* formou imagens e representações nos leitores, e compreende-las na historicidade requer cuidados necessários: “A partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um passado distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência da qual ele participa como todos os outros indivíduos”, (ROUSSO, 2009: 202), os historiadores estão inseridos e participantes de eventos que ainda os perturbam, ou sobre interpretações com as lentes dos estudos sobre o Tempo Presente. Perguntaria: o que e quanto das práticas e representações deste período de duas gerações, e que se findou faz poucos quinze 15 anos, ainda está em nós??

ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA ‘LER’ A *MANCHETE*

A inclusão paulatina dos jornais e revistas ao ofício historiográfico se deu com o alargamento do significado de "fontes históricas" principalmente a partir da segunda metade do século XX. Consideradas fontes "não oficiais" foram pautas de discussões constantes em relação à legitimidade deste material para a operação historiográfica, embates que perpassaram o último século. Os debates contemporâneos e os questionamentos acerca de fontes históricas considerou a singular importância do uso de impressos com o jornais, revistas e similares como objeto de uso da História. Evidentemente, critérios devem ser observados ao analisar estas fontes; como mostra Tânia de Luca, "reconhecia-se, portanto a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da história **por meio** da imprensa" (LUCA, 2005, p: 111).

Ler um impresso de forma aleatória e sem pretensão de análise não é o mesmo que categorizá-lo como fonte histórica, e requer um cuidado teórico/metodológico adequado. Ao folhear a *Manchete*, nota-se em primeiro plano sua forma de linguagem, o fotojornalismo, e o cuidadoso aspecto visual que para a época impressionava. Maria Celeste Mira aborda a consolidação do mercado da Editora Abril, referindo-se a *Manchete* com características de uma revista ilustrada que marcou época, e, ao apontar os inícios do lançamento da revista *Veja* (1968), avalia o grande mérito de *Manchete* e que a distinguia de *O Cruzeiro*,¹ por exemplo, era o seu cuidado com o aspecto visual. (1997). Como fonte histórica, suas páginas deixam descortinar desde conteúdo partidário e político, cultural nos diversos âmbitos, concursos, científicas, religiosidades, lazer com ênfase para e carnaval, esportes, crimes, guerras, tudo em fartas imagens fotográficas e de extrema qualidade e aperfeiçoamento técnico. A função de um impresso é transmitir uma ideia, comunicar, para o que seleciona acontecimentos, registra fatos cotidianos, e "provoca de imediato algum tipo de emoção no leitor, podendo ser captada como realidade"; e que "À primeira vista, o discurso de apropriação estética empresta verossimilhança à informação, ampliando a credibilidade do tema abordado e reforçando a confiabilidade no veículo de informação." (ANDRADE, 2001, p. 253).

¹ A *Manchete* não fora a revista pioneira em reproduzir a linguagem da fotorreportagem; a revista *O Cruzeiro* que circulava em âmbito nacional desde 1928 foi uma das primeiras a investir em uma revista semanal de entretenimento, com assuntos diversos e proporcionando um impresso que era composto, sobremaneira por fotografias.

A circulação da revista, em seus momentos iniciais foi em nível nacional e principalmente ligada às áreas urbanas. O índice de analfabetismo, ainda muito grande até nas sociedades mais abastadas da segunda metade do século XX, proporcionou que uma revista composta por cerca de 70% de sua totalidade por material fotográfico ganhasse espaço na sociedade urbana brasileira. Um primeiro aspecto a ser observado na análise de impressos condiz ao que Ana Luiza Martins denomina de “armadilha documental”, ou o caráter empresarial de oferta e demanda que “expressavam o comprometimento apriorístico com o que o leitor queria ler e ‘ouvir’.” (MARTINS, A. L.; 2003: 61). Segundo Tania Regina de Luca, “Aos imperativos ditados pela busca de produtividade e lucro aliava-se a intenção de oferecer aos consumidores uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender aos anseios da crescente classe média urbana e novos grupos de letrados.” (2008: 137)

A imprensa é um importante veículo de informação e formadora de opinião, e suas imagens visuais e fotográficas produzem representações do mundo social e são determinadas por interesses de grupos, em determinado momento histórico. Roger Chartier nos mostra que “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...] que tendem a impor uma autoridade à custa de outros”. (1990:17). Metodologicamente, o pesquisador deve ter em conta aspectos visuais, materiais, de produção, técnica, indústria gráfica, publicidade, dinâmica de reportagens, redatoria, colunas e espaços, e também as subjetividades e formas de cativar como produto comercial e provocar interesse, bem como a recepção das leituras. A *Manchete* perpassou todo o período do regime militar no Brasil; e, tendo em conta que “Em qualquer regime, a propaganda política é estratégia do poder, mas nos de tendência totalitária ela adquire uma força muito maior porque o Estado, graças ao monopólio dos meios de comunicação, exerce censura rigorosa sobre o conjunto das informações e as manipula”. (CAPELATO, 2009: 76).

“Ler” a *Manchete* com o olhar aguçado para as interpretações de seu tempo de circulação é se embrenhar nos acontecimentos e relações sociais, política, econômicas e culturais da época. É também perceber o momento de produção deste veículo de comunicação de massa e a possibilidade de sua inserção social. Quando, como e com que finalidade apareceu a revista *Manchete*?

– Estamos quebrando a cabeça para encontrar o nome para a revista.
Você tem alguma sugestão? / - A revista vai ser de reportagens, não é?

- Sim. / - Reportagens nacionais e internacionais? / - Sim.

- De que tipo? / - Tipo *Match* – disse Adolpho, referindo-se a famosa revista francesa./ O nome foi escrito em um papel. / *Match*.

E, como quem resolve o problema de combinações de letras, me sai, na hora: /- *Manchete*

- Veja bem, Adolpho, só notícias importantes se transformam em manchetes. (GONÇALVES, 2008: 22).

O diálogo apontado acima, entre Adolpho Bloch e Pedro Bloch, fora lembrado pelo último na edição comemorativa dos 45 anos do impresso e destacada por José Esmeraldo Gonçalves no livro memorialista sobre a *Manchete* intitulado livro *Manchete, histórias que ninguém contou* (2008). A conversa destaca a escolha do nome da revista inspirada, na mencionada *Paris-Match*, a principal revista ilustrada francesa, que, por sua vez, era influenciada pela estadunidense *Life*. Estas revistas têm em comum a fotorreportagem, onde a fotografia tem um papel de destaque dentro do texto jornalístico, o que torna essencial compreender a esfera do entrelaçar a fotografia e o jornalismo. Particularmente na década de 1930, o número de lançamentos de revistas com a característica de fotorreportagem já existem, como a *Time* (1922), *Life* (1936), *Look* (1937) e a francesa *Paris Match* (1949); esta publicações mudavam a forma da narrativa dos acontecimentos, mesclando imagens fotográficas e textos que, juntas, produziam novos significados ao que estava sendo veiculado.

Este modelo, no Brasil, já se fazia ver em *O Cruzeiro* (1928), mas a *Manchete* irá diferenciar-se a partir do cuidado em relação à fotografia, a diagramação e a inovação técnica; a qualidade do papel, suave e de maior consistência, diferente das revistas atuais ou até mesmo jornais, onde o papel é uma folha muito frágil e requer mais cuidado ao ser manuseado. Essa inovação tecnológica e uma maior preocupação com o material impresso conferiu a revista um maior público consumidor, decolando suas vendas durante a década de 1950, deixando o até então preferido *O Cruzeiro* de Assis Chateaubriand² para trás. Enquanto *O Cruzeiro* ascendia suas vendas durante a década de 1940, Adolpho Bloch imprimia revistas infantis para a Editora Brasil América e para o Globo Juvenil.

Adolpho Bloch, o principal idealizador da revista *Manchete*, teve uma vida turbulenta; nasceu em 1908 na cidade de Jitomir (hoje na Ucrânia), onde seus pais

² Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, influente durante a década de 1940 e 1960, próximo de Getúlio Vargas, fundou a empresa Diários Associados, que reuniu impressos de grande renome nacional como *O Cruzeiro*, além da famosa TV Tupi, ambos já extintos.

possuíam uma fábrica de gelo e uma oficina de tipografia da família. Com a eclosão da Revolução Russa em 1917, a família Bloch muda-se para Kiev, capital ucraniana; e, a partir desta cidade, emigra para o Brasil, chegando aqui em 1922. Judeu, filho de imigrantes russos, sua família instala-se no Rio de Janeiro, passa a trabalhar com pequenas máquinas manuais de impressão - Joseph Bloch & Filhos – Tipografia – Rua Vieira Fazenda, 2. A partir de então, Adolpho começou a frequentar as redações do Rio de Janeiro, a fim de conseguir encomendas. Os negócios prosperaram e segundo o próprio Adolpho Bloch, em uma matéria especial da edição de comemoração dos 25 anos da revista, em 1977: “Minha sorte é que acreditava naquilo a que me dedicava.” (MANCHETE, nº 1.309, 21/05/1977: 22). Ao final da década de 1930, fora comprada a primeira impressora *off-set* e iniciada a construção do prédio na Rua Frei Caneca, 511, a primeira sede da Revista.

Apesar de ter consolidado, ao fim da década de 1940 uma rede de impressões bastante ampla, Adolpho Bloch almejava muito em ter uma publicação própria: “Cansado da lupa, cansado da revisão, cansado de ser apenas impressor para os outros, eu tinha vontade de ser editor. (...) Com os recursos ganhos e aproveitando os dois dias por semana que me sobravam (sábado e domingo), realizei meu sonho em concreto.” (MANCHETE, nº 1.309, 21/05/1977: 22). O sonho realizado veio em 26 de abril de 1952, quando os primeiros exemplares de *Manchete* saíram das máquinas; lançada em um período de consolidação dos impressos de cunho fotojornalístico tanto na esfera internacional (com as revistas já mencionadas) como nacional (principalmente com *O Cruzeiro*), nasce a revista, com uma periodicidade semanal que perdurará até o ano de 2000. Com ainda poucas páginas, poucos redatores, escasso dinheiro, *Manchete* foi lançada com apenas 32 páginas, ao passo que a média de *O Cruzeiro* chegava a 130 páginas, estendendo-se até 160 em edições com conteúdo e publicidades *extras*.

As mudanças no corpo da equipe transformam-se constantemente, bem como a equipe de redatores e colaboradores, com grande rotatividade durante a década de 1950. A preocupação com a fotografia e principalmente a sua extrema qualidade e precisão de imagens eram pontos imprescindíveis na revista, e fará a diferença para a concorrente *O Cruzeiro*; os fotógrafos eram profissionais imprescindíveis e as boas lentes na cobertura de eventos faziam o sucesso da revista. O corpo de editores e jornalistas, mesmo que houvesse rotatividade, alguns eram referência, como já foi dito: como Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, David

Nasser, e a jornalista feminista Heloneida Studart, dentre outros; isso por certo conferia assiduidade de leitores e respeitabilidade.

Heloneida Studart, por exemplo, foi admitida na *Manchete* em 1970, após as dificuldades com o regime militar por sua atuação como sindicalista; entretanto, a capacidade de redação a levou para o escopo de redatores, permanecendo até 1978, quando foi eleita deputada estadual pelo Rio de Janeiro. Seguiu carreira na política e vindo a ser porta voz das lutas pelos direitos das mulheres e minorias sociais, referência nos estudos de gênero, feminismos e legislação até 2007, quando nos deixou. (FÁVERI; SOUZA, 2014).

Ao compulsar as páginas da *Manchete*, observa-se um riquíssimo rol de temas e imagens, possíveis de análises em profundidade; e tem muito a oferecer para os estudos históricos, bem como no jornalismo, e olhares diversos sobre cultura, economia, moda, costumes, política, guerras, conflitos internacionais, festas, crimes, debates sobre o corpo e sexualidade, condutas sociais, família, juventude, violência, enfim, não se esgota. São olhares possíveis de interpretação sobre a sociedade e sua cultura política, suas representações e experiências de um tempo de mudanças, muitas, ou, nas palavras de Eric Hobsbawm, um “breve século XX”, pontuado de mudanças e contradições. A revista *Manchete* ainda é pouco utilizada para a pesquisa histórica, e, uma revista que durou meio século num país e mundo em ebulição, certamente tem muito mais a oferecer para interpretações no entendimento das relações representado de um Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. **Aconteceu, virou manchete**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n. 41, 2001. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200013 >. Acesso em: 16 de junho de 2014.

AREND, Silvia Maria Fávero; MACEDO, FABIO. (2009). Sobre a História do Tempo Presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. **Revista Tempo e Argumento**, PPGH. Florianópolis, v. 1, n. 1, jan./jun., p. 201- 216.

BERSTEIN, Serge. (1998). A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Orgs.) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 352-353.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

CHARTIER, Roger. (1990). **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel.

FALCÃO, Greyce. A imprensa a serviço do golpe: O AI-5 nas páginas da revista *Manchete* (1968-1979). **IX Encontro Nacional de História da Mídia**, 2013, Ouro Preto. Anais Eletrônicos... Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-imprensa> > Acesso em 16 de junho de 2014.

FÁVERI, Marlene de; SOUZA, Milene Chagas de. O feminismo virou *Manchete*. In: AREND, Silvia Maria favero (org.). **Um país impresso: História do Tempo Presente e revistas semanais no Brasil (1960-1980)**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

GONÇALVES, José Esmeraldo. Apresentação: Aconteceu, virou silêncio. In: GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J.A, Org(s). **Aconteceu na Manchete: histórias que ninguém contou**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008, p. 9

HOBBSAWM, Eric. (1995). **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-12991)**. São Paulo: Companhia das Letras.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado (orgs.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e Propaganda Política: A revista Manchete durante o governo Médici**. 1999. 195f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 1999. Disponível em < <http://migre.me/jROda> > Acesso em: 16 de junho de 2014.

MELO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando Novais. (1998). Capitalismo tardio e sociedade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) **História da vida privada no Brasil**, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, p. 559-658.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. 1997. 350fl. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: **Culturas Políticas na História: Novos Estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13- 37.

PÁDUA, Guesner Duarte. *Manchete, a cortesã do poder*. UNICENTRO, 2013. Disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed04/artigos/06.pdf>. Captado em junho de 2014.

ROUSSO, Henry. Sobre a História do Tempo Presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. **Revista Tempo e Argumento** (UDESC), Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201–216, jan./jun. 2009. Disponível em:

<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705/608>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

